

BSFEAC

MONOGRAFIA DE GRADUAÇÃO

ORIENTADOR: JOSÉ MENELEU NETO

ALUNO: ANTONIA ALBETISA DE OLIVEIRA MAT.: 883339

TEMA: AS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DO DESEMPREGO: UM PARALELO
ENTRE CLASSES SOCIAIS

BSFEAC

MONOGRAFIA APROVADA EM / /93

.....

.....

.....

INTRODUÇÃO:

O objetivo desta monografia é traçar um paralelo entre os efeitos que a recessão do início dos anos 90 (90-91) tem provocado sobre dois setores dos trabalhadores assalariados: o dos trabalhadores interiores ao processo de produção, conhecidos classicamente como "proletariado" (nota 1) e o dos trabalhadores exteriores ao processo de produção, conhecidos como "colarinhos brancos". Reconhece-se de início que a demarcação da fronteira entre os binômios como trabalhadores manuais X trabalhadores intelectuais, operários X não-operários ou proletariado X classe média, implica na adoção de variáveis de cortes mais ou menos arbitrários bastante frágeis. Contudo, tendo em mente a comparação entre os dois segmentos citados do universo dos assalariados, será feita uma utilização bastante livre dos termos clássicos.

O primeiro grupo, o "proletariado", que é marcado pela condição de vendedor estrito de força de trabalho, próxima à definição do indivíduo despojado de quaisquer meios de produção, faz parte da População Economicamente Ativa (PEA), seja na condição de desempregado ou de População Ocupada (PO). O segundo grupo, os "colarinhos brancos", embora vendedores da força de trabalho, o que os caracteriza também como assalariados (nota 2), possuem características particulares que se vinculam à tradição do profissional liberal. O entrecruzamento de formas de ocupação com assalariamento que caracteriza a relação capitalista tornam as ilusões da "classe média" uma ilusão real. Isto é, as representações tornam-se suficientemente objetivas para as

demarcações estabelecidas por esse grupo que serão aqui consideradas como variável significativa. Embora reconhecendo as limitações do material empírico, já que as entrevistas mostradas não se constituem regra geral, estas não são insignificantes, na medida que captam uma percepção da realidade.

O trabalho de monografia está dividido em quatro capítulos. O primeiro tratará do conceito de classe social, do perfil da classe média e do perfil do proletariado; o segundo tratará da problemática do tema proposto; o terceiro consistirá na evidência empírica e, por fim, o quarto capítulo, da conclusão.

CAPÍTULO 1 - CONCEITO DE CLASSE SOCIAL, CLASSE OPERÁRIA E CLASSE MÉDIA

Para se falar em consequências sociais do desemprego sobre os grupos ou classes é necessário antes disso definir o que é classe social, para, a partir daí, traçar as diferenciações entre os "proletários" e "classe média" e, só então, identificar qual seria a natureza das repercussões do desemprego para cada uma destas classes.

Antes de tentar caracterizar o papel das classes decorrentes de relações entre indivíduos na produção material, é interessante mencionar brevemente o papel do Estado capitalista. Este representa os interesses da classe hegemônica, aquela classe que dispõe dos meios de produção material e que, por conseguinte, tem controle sobre os meios de produção intelectual e domínio político. Não trata diretamente dos interesses das classes dominantes, mas representa os seus interesses políticos, apresentando estes interesses privados da classe dominante como interesses comuns de toda sociedade. As guerras "patrióticas" constituem um bom exemplo de interesses econômicos de um grupo, sendo divulgados como interesses da nação: "ele é o centro do poder político das classes dominantes na medida em que é o fator de organização da sua luta política"(1). Segundo Gramsci, "...a vida do Estado é concebida como uma formação contínua e uma superação de equilíbrios instáveis (...) entre os interesses do grupo fundamental e os dos grupos subordinados, equilíbrios em que os interesses do grupo dominante levam a melhor, mas até um certo ponto, ou seja, não até ao mesquinho interesse econômico-corporativo"(1). O que acontece é que em alguns momentos defende

certa garantia de interesses econômicos de certas classes dominadas, porque o Estado não poderia se afastar totalmente de sua função, que é aparecer como representante do interesse geral do povo, justamente para que possa executar sua função capitalista, entre as quais impedir a organização política da classe operária, mantendo-a isolada, apenas como operário. O Estado possui uma autonomia relativa em relação ao econômico - porque não se encontra em relação direta com os interesses econômicos capitalistas, na medida que a luta econômica existe no seio das suas instituições, mas mediada pela necessidade de dominação de classe. - pode fazer "reformas" em proveito de certas classes dominadas, prejudicando os interesses econômicos imediatos de setores da classe dominante, mas nunca ameaçando os seus interesses de classe como um todo.

O "político" é quem garante a manutenção das relações econômicas de produção, é o aparato institucional. É a sustentação das relações econômicas. O Estado, aparentemente, é composto de indivíduos isolados, sem classe. Mas ele forma uma unidade política, onde a ideologia é da classe que possui a hegemonia dentro dessa unidade. Contudo, essa atuação ambivalente do Estado reflete justamente a atuação de classes em conflitos e contradições sobre as quais a dinâmica da acumulação interfere com diferentes intensidade e extensão.

O conceito de classe é bastante polêmico. Ele evoluiu e sempre foi definido de acordo com diferentes parâmetros. Assim Aristóteles dividiu a sociedade em escravos e homens livres. Santo Tomás dividia a sociedade em ordens sociais bastante rígidas, refletindo a hierarquia feudal na alta idade média. A

economia burguesa dividiu as classes segundo sua função econômica. Classes agrária, industrial e assalariada tinham suas origens nas fontes básicas de renda: a terra, o capital e o trabalho. Saint-Simon dividia a sociedade em classe industrial e classe ociosa. E Proudhon introduziu a idéia de propriedade como origem da divisão da sociedade e classes. E o que Marx faz é dar ao conceito de classe não só um caráter científico, mas identificá-lo como explicação da sociedade e de sua história.

O parâmetro escolhido para a distinção entre as classes será de acordo com sua inserção no processo produtivo.

A divisão do trabalho, as diferenças de propriedade, de renda, distribuição de riquezas, contribuem para a formação das classes, mas a sua origem é resultado das relações sociais de produção, que definem posições diferentes dentro do processo de produção, para cada indivíduo. "O lugar econômico (portanto) dos agentes sociais desempenha um papel principal na determinação das classes sociais. Mas isso não implica que este lugar baste para a determinação das classes sociais. De fato, para o marxismo, o econômico desempenha efetivamente o papel determinante numa sociedade dividida em classes, mas o político e o ideológico desempenham um papel importante"(2).

As classes consistem de agregados básicos de indivíduos que são distintos entre si pela função que desempenham no processo produtivo, do ponto de vista das relações que estabelecem entre si na organização do trabalho e quanto à propriedade. São indivíduos que têm condições econômicas semelhantes e, portanto, têm um modo de vida, interesses e cultura distintos de outras classes. A existência, de um lado,

de proprietários dos meios de produção e, de outro, de trabalhadores, com interesses contrastantes, seria a base do surgimento da classe social. O cenário onde se pode fazer a distinção entre as classes é na própria luta de classes, embora elas existam independentemente das posições ou consciência dessa luta. É bom ressaltar que uma classe pode ser identificada tanto pelo nível político, econômico ou ideológico.

A relação social consiste numa determinada prática. Cada classe tem uma prática característica. Estas práticas em oposição constituem o campo da luta de classes.

A classe social, portanto, pode ser identificada em termos de práticas de classe. A relação conflitante revela os efeitos das relações sociais, as relações de produção capitalistas - de um lado, os proprietários de capital e, de outro, o trabalhador. Elas definem que há relações de dominação e subordinação entre as classes, que existem divergências entre elas, como a prática que visa a realização do lucro e, por outro lado, a que visa o aumento dos salários, que é uma luta econômica. Em outras palavras, uma maneira de identificar uma classe, ao nível econômico, é através das relações sociais de produção, ou seja, na posição que cada elemento representante de uma classe possui na produção-reprodução.

A classe operária, na relação social de produção, constitui-se, principalmente, nos trabalhadores diretos, ou seja, os que trabalham com os meios e com o objeto de trabalho, relação que define a classe explorada. É um grupo que executa trabalho para terceiros, em troca de salário, segundo formas e horários fixados por quem paga, cujos fins não são escolhidos por quem o

executa. Decorre daí que os membros desse grupo não trabalham em seu interesse particular e não há outra forma, porque são despojados dos instrumentos de produção, implicando na facilidade de sua substituição, tendo em vista o exército de mão-de-obra disponível. Seu objetivo é o salário, um salário que só lhe garante, basicamente, a subsistência. Têm acesso restrito à informação, à educação formal etc. Enfim, o trabalhador é um indivíduo, fruto da divisão social do trabalho, que anulou a qualificação pessoal, ou seja, o domínio sobre o processo de produção.

"A definição extensa toma convencionalmente a classe operária como sendo composta por todos os que vendem sua força de trabalho, abrangendo todos os trabalhadores que são remunerados, sendo composta por trabalhadores manuais produtivos, excluindo expressamente largas seções de trabalhadores assalariados"(3). Mas não seria o salário que definiria a classe operária porque muitos assalariados não estão empenhados no trabalho produtivo, ou seja naquela função geradora de mais-valia. Também constitui-se proletariado alguns trabalhadores improdutivos, como trabalhadores do setor comercial, alguns funcionários do Estado, ambulantes. E também porque há uma parte desses trabalhadores improdutivos assalariados que compõem a classe média. Entenda-se como trabalhador improdutivo aquele que não trabalha direto com a produção material de mercadorias, que podem ser divididos em improdutivos interiores e exteriores ao processo de produção. Interiores porque, embora não forneçam um "sobretabalho" (mais-valia), a exemplo dos trabalhadores produtivos, eles estão integrados na fase de circulação do capital. São produtivos para

"...o capitalista, não por criar mais-valia diretamente, mas por concorrer para diminuir os custos de realização da mais-valia, efetuando trabalho em parte não-pago" (Marx, citado por Francisco José Soares Teixeira, em Análise Crítica do Mercado de Trabalho de Fortaleza À Luz das Categorias de Trabalho Produtivo e Improdutivo). E os trabalhadores exteriores ao processo de produção são os assalariados que não participam do processo de produção e circulação de mercadorias, mas que são importantes para a composição e manutenção do sistema capitalista, funcionários do Estado por exemplo.

Marx definiu a classe operária tendo em vista o universo "proletariado industrial", ou seja, a classe operária seria aquela que executa trabalho produtivo. O efeito da análise de um modo de produção puro é que apenas se refletem duas classes: a dos capitalistas e a dos operários assalariados. Entretanto, uma formação social consiste em uma superposição de vários modos de produção, um dos quais detém o papel dominante. Isto gera presença não mais apenas de uma classe. A sociedade se modificou e este universo se tornou complexo, ficando difícil estabelecer as fronteiras da classe operária. Defini-la como classe assalariada é aumentar o seu limite, já que a classe média não deixa de ser uma classe assalariada. Poulantzas acredita, ao contrário, que definir a classe operária como classe assalariada reduz as divisões da classe da sociedade à divisão entre ricos e pobres. As características de classe da classe operária reduziriam-se aos cidadãos economicamente pobres. Mas há uma característica melhor para definir a classe operária do que a pobreza.

Poulantzas define a classe operária, como sendo composta por trabalhadores manuais produtivos, excluindo a parte de trabalhadores assalariados identificados como constituindo a "nova pequena burguesia".

Algumas posições teóricas, excluem os técnicos, já que são trabalhadores assalariados não produtivos e os coloca num estrato intermediário. Nicos Poulantzas critica esta teoria justificando que não poderia existir estratos que se situem fora das classes e da estrutura de classes e, que são, contudo, encarados como participantes da luta de classes.

Alan Hunt argumenta que estes estratos fazem parte da classe operária. E Poulantzas o define como uma nova classe. Essa distinção entre estrato e classe média advém do pressuposto que um estrato não tem interesses de classe específicos, mesmo se admitimos integrantes da classe operária. Enquanto que se encararmos como uma classe, tem-se que reconhecer os seus interesses de classe específicos e distintos, embora estejam polarizados para a classe operária.

Embora havendo a polémica entre o que é trabalho produtivo ou improdutivo e a sua posição dentro da classe social, o que é, certamente, muito importante, é que sejam eles produtivos ou não, ambos são explorados. Não importa se trabalham diretamente na produção material ou se são trabalhadores envolvidos no processo de realização da mais-valia.

Trato, neste trabalho, da nova estrutura de classes na sociedade capitalista, na qual surge um novo segmento. "Num extremo está uma incipiente classe de intelectuais que ocupam a

posição de redistribuidores; no outro, uma classe de trabalhadores que produz o excedente social, mas não tem direito de dispor dele"(2). O novo segmento é "uma fração cada vez maior da população (e) deve ser situada em uma camada social intermediária": a classe média.

A composição do conjunto da classe média varia ao longo do desenvolvimento do capitalismo industrial: no período oligárquico foi o advogado o personagem típico de classe média; a era das grandes corporações monopolistas colocou em relevo um novo tipo médio: o técnico. Em outro momento é o funcionário público. Mas a característica comum ao longo do tempo é o seu caráter "não manual". Por isso são incapazes de se identificar com o proletariado. Acreditam estarem mais próximos da classe capitalista.

O conjunto dos trabalhadores improdutivos não coincide com o total dos membros da classe média, porque há a parte dos trabalhadores improdutivos "manuais", ou seja, que executam trabalho que não exige grande esforço mental, às vezes até nenhum, e que fazem parte da classe operária, se identificando com esta em virtude do seu caráter de explorados.

Os grupos médios, portanto, são constituídos pela fração de trabalhadores improdutivos que a hierarquia do trabalho classifica como "não-manuais". Esta condição não impede o estabelecimento de alianças políticas com a classe operária e o seu discurso ideológico às vezes é semelhante aos dos sindicatos operários, mas recusam qualquer nivelamento entre trabalho manual e não-manual.

Têm a preocupação de não se aproximarem da classe

proletária. Sua unidade ideológica constitui indícios de existência de uma consciência média situada a meio caminho entre a consciência burguesa e a consciência operária. É esta consciência que transforma a fração não-manual dos trabalhadores improdutivos em grupos médios. Uma das suas reivindicações principais é a manutenção do seu poder aquisitivo, do seu status, justamente porque receiam perder sua posição social. Um fator que intensifica os efeitos ideológicos é a "situação de trabalho" dos grupos médios. Situação de trabalho é o conjunto de elementos do mundo dos trabalhadores não-manuais: relações de trabalho, forma de remuneração, nível de remuneração, nível de formação necessária, duração de trabalho. A situação de trabalho do indivíduo da classe média é bem distinta da de um proletário. Essas disparidades são capazes de engendrar uma ideologia particular para a classe média, bem distinta da classe proletária.

Define-se como classe média um grupo de trabalhadores que não contribuem diretamente no processo de produção de mercadorias. São bancários, trabalhadores do setor de comunicação, propaganda, tecnoburocratas, funcionários militares, etc. São grupos profissionais bem diversos, que tem uma certa especialização profissional, são relativamente bem remunerados, já que não se constituem um grupo de produtores de mais-valia, na medida que são mantidos pela produção de mais-valia produzida pela classe operária. Aspiram a um "status burguês", garantem a organização, a boa conduta da produção de mais-valia.

Segundo Décio Saes(3), a classe média também é fruto da divisão social, da hierarquização social do trabalho, uma maneira

de justificá-la e ocultá-la, na medida em que estabelece uma causa racional para sua existência e para sua distinção da classe operária, os dons inatos e adquiridos. Ou seja, um indivíduo através de seus esforços e qualidades, através do nível de escolaridade, pode adquirir uma situação financeira e de prestígio que é o critério para sua inserção numa classe melhor que a dos proletários. A divisão entre trabalho manual e não-manual a que o indivíduo estaria destinado seria consequência apenas da diferenciação de capacidades. A força de trabalho é obtida a partir de seu conteúdo de especialização, existindo variações no fornecimento de indivíduos. Quanto maior for o grau de especialização, maior é o poder da pessoa em relação ao patrão. Desta forma, a sociedade capitalista impôs uma condição média a essa parte dos trabalhadores que executam trabalho não-manual, afastando-a dos trabalhadores que não participam diretamente da produção material de mercadorias, os trabalhadores improdutivos "não-manuais", vendedores ambulantes, empregados de empresas de transportes e supervisão.

Essa classe estaria próxima à classe proletária, porque não tem a posse dos fatores de produção e a autonomia de conceder ou não trabalho, que garante a estabilidade da posição social dos capitalistas. Por isso, tem um certo temor à proletarização, porque uma recessão ou uma crise econômica poderia fatalmente ameaçá-los, tendo em vista a sua vulnerabilidade.

Operários ocupando lugares com um estatuto elevado tendem a ter salários mais altos, horários de trabalho menores, melhores condições de trabalho, período de férias mais longos e

mais regalias sociais em geral do que aqueles que ocupam cargos inferiores. Estas distinções recaem sobre oportunidades de trabalho, de educação e de tipo de vida que tendem, na maioria das vezes, a serem reforçadas.

Há um debate em torno da questão crescimento da classe média no capitalismo. Autores como Polantzas(8) - a partir dos critérios que ele utilizou para fazer a distinção entre classe média e operariado, ou seja, um executa trabalho intelectual e outro, manual - acreditam que a tendência para o futuro é a classe operária tornar-se pequena e, ao contrário a classe média crescer.

Outros autores marxistas sugerem o caminho oposto: a tendência é a classe média se proletarizar, em virtude da evolução da tecnologia, trazendo a mecanização do trabalho de escritório e de outras atividades, desqualificando os trabalhadores da classe média.

Classe média seria, portanto, a classe que está entre a burguesia e o proletariado. "Nem Marx, nem Engels estabeleceram uma distinção sistemática entre diferentes setores da classe média ou, em particular, entre a velha classe média de pequenos produtores, artesãos, profissionais independentes, agricultores e camponeses e a nova classe média formada pelos trabalhadores em escritórios, supervisores, técnicos, professores, funcionários do governo etc."(4). Esta seria composta pelos trabalhadores improdutivos, cuja função é de manter o sistema capitalista, contribuir para o seu funcionamento eficaz. E proletariado seria a classe formada pelos trabalhadores produtivos fornecedores de mais-valia e alguns grupos assalariados improdutivos, que tem

funções pouco valorizadas pela sociedade, como garis, domésticas, mas que, no entanto, tem sua parcela de contribuição para o sistema capitalista. Utilizou-se a conceituação de Poulantzas, já que, embora proletariado e classe média tenham o caráter de assalariados e explorados, o que poderia justificar sua inclusão numa mesma classe, a segunda chega às vezes até a se identificar com a classe dominante, o que não acontece com o proletariado, exatamente porque a classe dos capitalistas reserva uma posição social e uma situação de trabalho bem distinta para os integrantes da classe média, como foi visto acima.

funções pouco valorizadas pela sociedade, como garis, domésticas, mas que, no entanto, tem sua parcela de contribuição para o sistema capitalista. Utilizou-se a conceituação de Poulantzas, já que, embora proletariado e classe média tenham o caráter de assalariados e explorados, o que poderia justificar sua inclusão numa mesma classe, a segunda chega às vezes até a se identificar com a classe dominante, o que não acontece com o proletariado, exatamente porque a classe dos capitalistas reserva uma posição social e uma situação de trabalho bem distinta para os integrantes da classe média, como foi visto acima.

CAPÍTULO 2: PROBLEMÁTICA

A venda da força de trabalho, para a classe média, numa sociedade capitalista, significa possibilidades de acesso aos bens e serviços produzidos socialmente, podendo contribuir para reforçar o respeito por si próprio, garantia de status etc. O desemprego pode ser a negação de tudo isso, trazendo portanto uma série de danos sociais, humanos e existenciais. O intuito da monografia será estudar como essas repercussões atingem os dois segmentos assalariados citados anteriormente.

Em virtude da carência de trabalhos teóricos que retratem a intensidade dessas repercussões, como elas são distribuídas, ou seja, se realmente causam efeitos maiores para determinada classe e qual seria esta, tratarei apenas, neste trabalho, de demonstrar casos da nossa realidade, que falam, por si só, o que pode gerar o desemprego e quem se torna mais vulnerável a sua ação.

Um dos resultados do desemprego pode ser o crescimento da População Não Economicamente Ativa (PNEA), que é formada por aqueles que deixam de pressionar o mercado de trabalho, mas a parcela a que nos referimos é composta pelos que vindos da PEA passam a integrar a PNEA por desalento, os que, embora tendo lutado para adquirir uma ocupação, não o tenham conseguido. Os demais são os que formam a PNEA estrutural.

Essas pessoas desocupadas tornam-se suscetíveis a evoluírem, num caso extremo, tanto para as formas de marginalidade sociais, como também para exercer atividades tipicamente dos estratos mais indigentes e pauperizados, como

trabalhar no Aterro Sanitário do Jangurussu. Isto não é uma determinante, já que nem todos os desempregados viram marginais ou trabalhadores no Jangurussu. O que pretende ser mostrado é que eles se tornam vulneráveis a essas situações estando desempregados. O desemprego acarreta também a questão da desagregação do núcleo familiar, porque a família se desestrutura, fica sem equilíbrio, quando não há pelo menos condição de se manterem vivos. Às vezes, surge um sentimento de passividade e alheamento (Nota 3), tendo em vista a falta de condições para a realização de uma função mais profícua, já que não garantem nem a sua própria sobrevivência. A passividade, nos estratos sociais mais baixos é manifestada, por exemplo, através do envolvimento com grupos religiosos. Lá, eles conseguem dar uma resposta passiva e alienada a sua situação: atribuem a Deus o seu estado de miséria. Com isso, justificam o desemprego, sua acomodação e sua impotência diante da realidade. Isso se dá em virtude da falta de informação e de visão crítica diante dos fatos reais, porque a condição de desempregado não é um desejo divino, mas uma situação circunstancial (no caso do desemprego conjuntural), gerada pela recessão e favorecida pela sua vulnerabilidade, já que não dispõem de meios de defesa. Embora pareça um paradoxo, já que passividade e agressividade não se combinam, esclareço que o sentimento de passividade se dá diante da impossibilidade de uma mudança, porque em determinado momento o desempregado fica desalentado.

O desemprego contribui, portanto, para aumentar a insegurança e a incerteza quanto ao futuro, ou seja, diminui suas expectativas diante de uma vida que eles não podem planejar. Com

esse desalento eles enfrentam sua trajetória de vida com suas mazelas e com o estreitamento das alternativas de sobrevivência. No seio da família, cujos membros se encontram desempregados ou subempregados, há um quadro mais triste ainda: a inanição; a baixa estima; a falta de confiança, pois eles estão excluídos do mercado. Por outro lado, a desorganização e desestruturação da família prejudica e atinge as pessoas mais vulneráveis e menos forjadas para a sobrevivência imediata, gerando o problema do menor abandonado. Isto seria, em poucas palavras, que revela apenas parte da realidade, o que o desemprego pode ocasionar para o "proletariado". Vejamos, abaixo, casos reais(5):

Francisco Antonio Bezerra, o "Chiquinho do Pandeiro", tem quarenta anos, mulher, três filhos e é natural de Alagoinhas, na Paraíba. O pai era agricultor e moravam numa fazenda lá mesmo em Alagoinhas. Tocava viola desde pequeno e recebia elogios dos conhecidos que diziam ter Chiquinho uma vocação fabulosa. Aos dezesseis anos teve sua primeira viola, que aumentou seu entusiasmo e o sonho pela carreira de artista. Em 1963, veio para o Rio de Janeiro, "a cidade maravilhosa", onde diziam que havia emprego para todo mundo e que a vida melhoraria muito. Na verdade, o que acontece é que milhões de agricultores, de pessoas do campo acabam caindo nesse estereótipo. Chiquinho chegou ao rio com os pais e quatro irmãos mais moços. O pai perdera o emprego na Paraíba, onde era gerente de engenho e vieram tentar a sorte no Rio de Janeiro.

O destino inicial dos emigrantes em busca de emprego é a indústria da construção civil ou serviços como porteiro, garçom, servente, office-boy etc. Francisco e seu pai tornaram-

se porteiros. De porteiro, Francisco passou a vigia de outro edifício e estudava num ginásio em Ipanema. O patrão, um dia vendo-o estudando no horário de trabalho, despediu-o.

"Eu estava só querendo aprender. Me preparar, porque não ia bem na escola. Aí eu saí fora. Tinha carteira assinada e tudo. Mas ele não quis pagar os meus direitos", relata Francisco. De vigia passou a fazer shows públicos durante 16 anos, "fui até na TV Globo", mas roubaram-lhe a música e foi só isso que conseguiu. Depois veio a idéia de vender enraizadas, ser camelô. Ele comprava as raízes em farmácias do Rio de Janeiro, preparava-as e as vendia. Ele mesmo inventou algumas fórmulas que admite serem secretas. Trabalha no Largo da Carioca de segunda a sexta e, no domingo, vende na Feira do Nordeste, no Campo de São Cristóvão. É assim que sustenta sua família.

Assim como Francisco, milhares de brasileiros, formam o que a sociedade chama de economia submersa, informal, oculta, paralela, não oficial, um submundo gerado pela necessidade de sobrevivência, um organismo criado para substituir o emprego oficial, com carteira assinada, que não lhes é oferecido. Fazem doce, vendem picolé, tecidos, bijuterias, animais, costuram, pintam, fazem consertos, bordam, constituem o núcleo das feiras públicas. Suas pequenas barracas povoam o centro das grandes cidades.

São perseguidos pela imprensa, pelos grandes comerciários que se vêem incomodados pela concorrência que eles representam, já que não pagam impostos, nem aluguel. Além disso, não tem avidez de lucro, o que contribui para serem suas mercadorias mais baratas. Expulsos de sua área, logo ocupam outro

local da cidade. Vangloriam-se de serem trabalhadores independentes, pois trabalham "por conta própria", sem patrão para mandar e explorar, cumprindo um horário estipulado por eles mesmos. A verdade é que também são explorados, pois existem grandes grupos que se formam e que são os atravessadores, os intermediários atacadistas, que encarecem as mercadorias e diminuem os lucros para os camelôs e, no final, eles representam apenas um grupo de distribuidores, que são enxotados logo que se constituem numa ameaça para os grandes empresários, que têm seus lucros reduzidos e, quanto ao horário que dizem ser maleável, não o é na verdade, já que seu sustento depende do rendimento de suas vendas e muitos têm que acordar de madrugada para pegar um lugar melhor, que seja mais rentável.

Se a falta de emprego abre espaço para o surgimento da economia informal, esta, por sua vez, quando não consegue abrigar toda a massa de desempregados, que vaza para um oceano obscuro, o submundo do mercado de trabalho.

O desempregado sem qualificação profissional, que se refugia nesse mundo, geralmente não volta à tona. O ingresso na delinquência pressupõe um pacto, uma aliança, onde há uma certa troca de favores. Comprometidos com o submundo não tem armas nem adquirem nenhuma especialização que os ajude a entrar no mercado de trabalho novamente. Se entram nesse "mercado" porque não tem opção, dentro dele, a maioria não consegue sair mais.

Ruy Matos de Amorim, o "Ruy Chapéu", casado, 44 anos, três filhos, tinha nove anos quando seus pais se separaram e ele teve que procurar emprego. Vendia pães e laranjas nas ruas da cidade e nas horas de folga jogava sinuca com pregos e bolinhas

de gude numa mesa improvisada. Aos 16 anos empregou-se num bar, ainda em Itabuna. Em menos de dois anos já era considerado um bom jogador. Com 22 anos abandonou o bar e a sinuca. Foi trabalhar como motorista na Comissão executiva do Plano da Lavoura Cacaueira (CEPLAC), um órgão federal. O trabalho exigia horário integral, deixou a sinuca. Ficou na CEPLAC até os 39 anos. Depois começou a jogar por dinheiro, ganhou fama no lugar. Hoje vive de apostas e de espetáculos públicos, em clubes, campeonatos.

Aí dizem: — Fulano não presta, porque a vida dele é jogar baralho. Sicrano é vagabundo, porque aposta em futebol. Mas no Brasil de hoje o cara tem que fazer tudo isso, rapaz. A realidade é essa: o povo não tem emprego. Cada vez mais, as pessoas vão se virando como podem...

Vejamos agora um exemplo patente de onde pode alcançar a falta de emprego, as formas de ocupação que as pessoas encontram por falta de um trabalho decente, capaz de manter uma família de maneira adequada. Os indivíduos são capazes de ultrapassar as barreiras do que se chamaria uma ocupação digna de um ser humano. (06)As condições de trabalho em que vivem os catadores de lixo de aterro sanitário do Jangurussu são subhumanas, inacreditáveis, eles concorrem com os urubus na cata do lixo. Além de ter que enfrentar as condições insalubres do local, expostos a todo tipo de doença, inquietos pelo receio de serem atropelados pelos carros que descarregam o lixo, são, por incrível que pareça, também explorados, como veremos adiante. Outra questão é que a profissão que ocupam se encarrega de eliminar a possibilidade de ingressarem numa outra ocupação, pois a tarefa que eles executam não dá nenhum respaldo para a obtenção

de outra profissão, não constitui experiência útil, pelo contrário, a aceitação social por um provável empregador é quase nula. Quem teria a coragem de empregar um indivíduo que teve a vida semelhante a de um animal? Ele, sem dúvida, será repudiado e discriminado pela sociedade. Poucos serão os que lhe darão uma chance.

É importante salientar que "a função de catador de lixo é sempre atribuída àqueles que, de algum modo, perderam as esperanças naquilo que escolheram como vocação/profissão. O casqueirador poderá se acomodar à situação em que se encontra, com seu "status quo", mas, não se tem registro de alguém que tenha optado deliberadamente por essa atividade sem que houvesse um fato anterior que o levasse a esse trabalho marginal. Dentre esses fatos citam-se como principais: o desemprego e a vinda do interior ou de outro estado brasileiro em busca de melhores condições de vida ou de melhor trabalho. Na falta de uma oportunidade é que, por ironia do destino, eles vão parar no aterro sanitário, como lixo humano, dependendo exclusivamente dos resíduos daqueles que os marginalizam".

Segundo a pesquisa, as atividades anteriores dos casqueiradores eram: agricultor, operário, empregada doméstica e gari. Muitos largaram a rampa para fazer outras atividades, mas voltaram a serem casqueiradores, por não acharem interessante gastar dinheiro com roupas, sapatos, ônibus, bater ponto e ter que ganhar apenas um salário mínimo.

O nome dado aos trabalhadores catadores de lixo é casqueirador, cascadeiro ou rampeiro. Seus instrumentos de trabalho são um balde e um casqueiro, que é uma espécie de garfo,

semelhante a um ciscador. O lixo é apanhado com esses instrumentos, mas quando a concorrência é grande também apanham com as mãos. A maioria trabalha no período diurno, mas há turmas que trabalham só à noite. Trabalham com a ilusão de acharem jóias, dinheiro ou coisas de valor no amontoado de lixo. Também é um incentivo, segundo eles, a inexistência do patrão e de um horário pré-estabelecido. Só que por detrás desse submundo de miséria e pobreza, há os donos de depósito ou balanceiros, que representam a figura do patrão. Eles compram o material que é recolhido, como ferro, osso, vidro. Pesam o material e pagam pelo produto, sendo que o preço oferecido é homogêneo. Deve haver um acordo, mesmo que seja tácito, entre os donos de depósitos. Eles impõem o preço e o que desejam comprar. alguns casqueiradores admitem serem os donos de depósitos corruptos, roubando no peso e na hora de pagar, enganado principalmente mulheres e crianças. A figura do patrão está representada também no "passe", que representam um contrato informal, onde o patrão adianta dinheiro e aquele indivíduo passa a recolher material para o seu depósito.

O dono de depósito, quando é médio e grande, possui até um vigia noturno para garantir a segurança de suas mercadorias, evitando roubos ou danos para os produtos que não puderam ser transportados ou que estejam a espera de alta dos preços, garantindo o processo de especulação. Os donos de depósito pequenos vendem logo tudo que adquirem, não há a necessidade das seguranças, nem também há a capacidade de especulação.

Os recém-chegados são apresentados por alguém do aterro aos donos de depósito, que compram-lhe o "passe" e se instala a

relação de submissão e fidelidade a partir daquele momento.

O que há de mais interessante nesse caso é que, embora seja uma função degradante, à margem da sociedade, ainda há relações de exploração, para uma profissão tão humilhante e para uma mercadoria aparentemente tão inútil quanto o lixo.

A grande vantagem para eles é que, segundo um depoimento de um entrevistado, ninguém é mandado por ninguém além de haver a maleabilidade do horário. Só que quando um dono de depósito compra o "passe" do indivíduo isto implica que ele se obriga a produzir para quem o "empregou". E o que acontece é que realmente há uma relação de fidelidade entre o casqueirador e quem lhe compra o passe. Os pesquisadores constataram que, mesmo quando, por acaso, há um preço maior para o material coletado, o casqueirador só vende para quem lhe comprou o passe. É uma questão de honra para eles: "A gente tem que vender tudo para o home que nós trabalha, porque quando nós precisa de dinheiro é ele que nos socorre, então não carece vender para outro".

Em compensação os donos de depósito ficam cada vez mais ricos. Há mercadorias cujo ganho chega a ser mais que 100%, sem levar em conta o que é diminuído na hora de pesar; e não adianta reclamar, pois eles precisam do dinheiro da venda do material. Mesmo porque, às vezes, durante os conflitos, eles chegam mesmo a espancar os casqueiradores, que, segundo eles, são pessoas violentas, vagabundas e irresponsáveis, o que ainda é pouco, tendo em vista a maneira que vivem no aterro, a precariedade daquele local.

Quanto à flexibilidade do horário, parece não ser tanto assim, já que as jornadas costumam ser bastante excessivas à

espera da chegada dos carros, não permitindo o preenchimento de suas vidas com outra atividade remunerada. Segundo a pesquisa, 86% dos entrevistados se encontram nesta condição e os rendimentos auferidos são exclusivamente da cata do lixo.

Aliado à cata do lixo há o comércio da prostituição. Algumas mulheres, talvez até por não poderem competir muito com os homens na coleta do lixo, vendem seu corpo, até mesmo por uma carteira de cigarros, como admitem alguns.

Uma das principais consequências da sobrevivência no aterro são as repercussões nas condições de saúde. A pesquisa identificou agravos físicos, biológicos, mecânicos, fisiológicos e psíquicos. O ato de abaixar o corpo para apanhar o lixo associado à má alimentação produzem os agravos fisiológicos. O receio do atropelamento, a constante tensão de estar atento a chegada do carro do lixo, a própria competição entre eles de conseguir o material melhor, a dependência dos donos de depósitos, a má remuneração, a própria condição de casqueirador, tudo isso contribui para o agravamento psíquico. Detectaram-se também doenças gastrointestinais, doença de pele, doença nas vias respiratórias, acidentes de trabalho, doenças infecciosas e vícios.

O mais triste em tudo isso é que pouquíssimas são as possibilidades de uma mudança na vida dos casqueiradores. Eles não têm qualificação profissional, não têm nível de instrução, muitos deles não têm sequer documentação, o que quase impossibilita sua entrada no mercado de trabalho ou a aquisição de um vínculo empregatício. Muitos têm o sonho de conseguir um emprego com carteira assinada, enquanto que outros contestam essa

posição, pois se opõem a receber ordens ou ter um horário fixo.

O caso dos casqueiradores é extremo, porque faz parte do que Marx chamou "superpopulação relativa estagnada", que constitui-se "parte do exército ativo de trabalhadores, mas com ocupação completamente irregular (...). Sua condição de vida cai abaixo do nível normal médio da classe trabalhadora, e exatamente isso faz dela uma base ampla para certos ramos de exploração do capital. É caracterizada pelo máximo do tempo de serviço e mínimo de salário"(06). Esse contingente deixa de ser influenciado pela estagnação ou prosperidade da economia, é um grupo que fica à margem do proletariado, imobilizado porque ao integrar a categoria estagnada excluem-se as possibilidades de retorno à parte formal da população ocupada. Constituem-se também responsáveis pela reprodução do exército industrial de reserva e do pauperismo, "...lembra a reprodução maciça de espécies animais individualmente fracas..."(07).

Embora a prosperidade econômica não venha contribuir para repor o emprego para esse grupo (o que caracteriza os componentes do desemprego aberto, ou seja, estes só são influenciados pelos efeitos conjunturais), tomei-o como material para análise porque os indivíduos que o integram, só o fazem, por não ter uma opção melhor de emprego. Considerei-o, portanto, como exemplo para evidenciar o que pode acarretar o desemprego.

Estes foram alguns exemplos do que pode gerar o desemprego para o proletariado, embora poucos e simplificados, se formos considerar o universo de consequências e repercussões. Vejamos, agora, para o caso da classe média.

Para a classe média, para aqueles que tem uma certa

preparação profissional, o desemprego pode causar desqualificação, no sentido que o tempo que o indivíduo passa desempregado, tende a fazê-lo perder a habilidade profissional, tanto pela falta de exercício quanto pela possível defasagem que as inovações no processo de trabalho podem provocar em um aprendizado que não seja recente. Implica também desinformações sobre as mudanças ocorridas no processo e no mercado de trabalho. Os indivíduos desempregados perdem o convívio social que o emprego lhe garante, a sua posição na classe social fica ameaçada, perdendo os benefícios que essa posição lhe garantia. Também o desemprego tende a acarretar redução das condições mais satisfatórias de vida; o indivíduo tem que mudar seu padrão de consumo, tem que reduzir gastos de forma a diminuir seu orçamento, acarretando muitas vezes mudança de domicílio, mudança do colégio dos filhos etc.

Este processo produz quebra ou afrouxamento dos laços anteriores de socialização gerando um certo desconforto para a unidade familiar, além do sentimento de derrota e exclusão, que, por sua vez, irá afetar a visão pessoal que o indivíduo tem de si mesmo diminuindo sua auto-estima. E o desemprego prolongado, para essa classe, também causa passividade, embora esses indivíduos tenham um certo grau de instrução, são mais conscientes e tenham uma posição social a defender.

O grupo de autônomos não é formado apenas por pessoas sem uma formação profissional específica. Este exército que forma a economia informal tem uma adesão cada vez mais presente de um novo profissional qualificado. O profissional de nível superior, excluído do mercado de trabalho, marginalizado pelo

estrangulamento recessivo do mercado, envereda para atividades da economia informal, desperdiçando anos de estudo, que representam um investimento tanto da família quanto do Estado. "Afim, que família da classe média dos grandes centros urbanos não tem, hoje, alguém que já se alistou nessas fileiras, direta ou indiretamente?"(5). - Tem phd virando pipoqueiro - garante, exaltado, Matheus Schnaider - Além do mais, esse desmantelamento das equipes técnicas significa "um atraso tecnológico desastroso, pois são essas equipes, no avanço de seu trabalho, que vão formando a tecnologia nacional". Vejamos um exemplo dessa realidade. (5)Elza Maria Moreira, 26 anos, engenheira elétrica, veio do Espírito Santo para o Rio de Janeiro em 68, com as ilusões de uma integrante de classe média do interior. Ao terminar o curso recebeu um convite para trabalhar em Salvador, o primeiro trabalho remunerado na profissão. Ficou dois meses na Bahia. A obra terminara e voltou para o Rio pra tentar continuar na profissão. Passou em todas as firmas que conhecia distribuindo seu currículo: fizera um bom curso, vários de extensão universitária, fizera estágio, mas passara dois anos sem emprego. Felizmente havia adquirido experiência em corte e costura, que era apenas um "robe", na adolescência e, de repente, veio a idéia das vendas avulsas. Passou a vender numa feira no Largo do Machado. Do Largo do Machado passou ao Largo do Carioca e, hoje, o seu ateliê sustenta 20 pessoas.

Com essa nova ocupação a relação com a Engenharia ficou cada vez mais distante. Investira cinco anos de sua vida, o dinheiro dos seus pais e uma nova realidade se impusera. "Depois aquele sentimento foi passando. Compreendi que a vida um pouco

leva a gente. Que temos pouca escolha. E também comecei a perceber que havia um lado bom naquilo tudo. Eu não sou muito chegado a patrão. E essa relação intransigente do patrão brasileiro faz com que muita gente acabe se enveredando por outros rumos. Afinal, o patrão nunca precisa realmente de você. Há mão-de-obra farta e disponível sempre. A oferta é muito maior do que a procura. Meus amigos estão todos nessa situação. Tem um que está dando aulas num cursinho, outro que tem condições financeiras, está na ilusão, fazendo outra faculdade; outro montou uma loja de doces; outro está desenhando bijuterias"(5).

Elza é representante da classe média e consegue se recompor na vida, embora não encontrando o emprego desejado. O proletário por não ter melhores mecanismos e melhores alternativas de defesa sofre com maior peso os efeitos sociais do desemprego. Não seria necessário nem analisar estatísticas para concluir isso, mesmo porque é muito restritivo compor em números, efeitos sociais. O indivíduo da classe média tem informação, grau de instrução e capital, o que o torna menos vulnerável. Não que isso seja regra geral, porque alguns proletários chegam a atingir a classe média e vice-versa, mas não são muitas as exceções. No capítulo 3 analisaremos a forma como o desemprego atinge as duas classes, a partir de algumas variáveis pré-estabelecidas.

CAPÍTULO 3: EVIDÊNCIA EMPÍRICA:

Neste capítulo, tentarei ^{mostrar} apenas mostrar de que forma o desemprego atinge a classe média e o proletariado, ou seja, numa época de recessão, que classe é mais incomodada pelo desemprego? Não ^{tenho} ~~tenho~~ a pretensão de evidenciar estatisticamente as consequências sociais através das tabelas abaixo, mas apenas complementar a parte teórica. As hipóteses a serem investigadas são: 1) o desemprego aberto é maior para o proletariado do que para a classe média; 2) o desemprego aberto é maior para a classe média que para o proletariado; 3) os efeitos são iguais para as duas classes; 4) desemprego aberto para a classe média menor que taxa de desemprego para o proletariado, mas a partir de um prolongamento do ciclo recessivo inverte-se e o desemprego passa a ter maior intensidade para a classe média.

Utilizaram-se apenas três variáveis: faixa etária, subsetor de atividade do trabalho anterior e uma variável principal, que seria o nível de remuneração anterior.

TABELA 1: TAXA DE DESEMPREGO ABERTO POR FAIXA ETÁRIA

=====		
1991		
FAIXA ETÁRIA	TAXA	ABSOLUTO
=====		
10 - 19	18,96	11.859
20 - 29	14,70	33.368
30 - 39	7,80	11.865
40 - 49	4,75	4.600
> 50	2,91	1.928

=====

Fonte: Pesquisa Direta - Unidade de Informação, SINE/CE

TABELA 2: TAXA DE DESEMPREGO ABERTO, POR FAIXA ETÁRIA

=====								
1992								
FX.ETÁRIA	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
=====								
10 - 19	22,06	23,38	22,83	22,14	27,97	29,48	26,33	23,87
20 - 29	15,32	17,05	17,40	18,10	20,45	21,05	20,47	18,55
30 - 39	7,66	7,21	9,01	8,84	9,52	9,01	10,61	10,01
40 - 49	5,65	5,81	4,74	5,97	6,26	7,65	5,94	5,25
> 50	3,63	3,05	3,19	3,50	4,14	4,27	4,48	3,95

=====

Fonte: Pesquisa Direta - Unidade de Informação - SINE/CE

Das tabelas 1 e 2, constata-se que as taxas de desemprego são maiores nas faixas etárias menores, ou seja, aqueles que mais cedo necessitam do mercado de trabalho, seja para sua sobrevivência ou para complementar a renda familiar. Estes trabalhadores desempregados, por definição, pertenceriam à classe proletária. Contudo, mais uma vez, não se pode admitir, a princípio, que o desemprego atingiu mais determinada classe, já que a nossa população é predominantemente de jovens, sendo coerente ter maiores taxas para as faixas etárias menores. O que se pode observar nessa tabela é o reflexo da conjuntura recessiva, através das taxas de desemprego crescentes e, também, o efeito sazonal de nossa economia, com a elevação das taxas no primeiro semestre de 92 e o início da queda a partir de julho. Embora as taxas de agosto sejam ainda maiores que as de janeiro, comprovando o período recessivo, há um ligeiro declínio de julho para agosto/92.

TABELA 3: TAXA DE DESEMPREGO, SEGUNDO O NÍVEL DE REMUNERAÇÃO DO TRABALHO ANTERIOR.

=====

DEZEMBRO/91

NÍVEL DE REMUNERAÇÃO	%
=====	
< 1/2 SM	9,01
1/2 - 01 SM	43,32
01 - 02 SM	34,30
02 - 03 SM	9,59
03 - 05 SM	2,91
05 - 10 SM	0,87
> 10 SM	-
TOTAL	100,00

=====

Fonte: Pesquisa Direta - Unidade de Informação, SINE/CE

TABELA 4: TAXA DE DESEMPREGO, SEGUNDO O NÍVEL DE REMUNERAÇÃO ANTERIOR (PRIMEIRO SEMESTRE DE 1992).

=====

TAXAS

FX.SALÁRIO	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
=====								
0 - 1/2	5,71	5,58	8,21	9,21	8,13	8,96	10,31	12,43
1/2 - 1	49,15	45,68	39,14	35,02	32,06	34,43	33,51	38,98
1 - 2	33,14	35,03	34,78	39,18	40,19	41,05	40,20	36,72
2 - 3	8,57	11,17	14,49	13,36	14,35	11,32	10,83	9,04
3 - 5	2,29	1,52	2,90	2,77	4,79	3,77	4,12	2,26
> 5	1,14	1,02	0,48	0,46	0,48	0,47	1,03	0,57
TOTAL	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

=====

Fonte de Pesquisa: Pesquisa Direta - Unid. Informação, SINE/CE

Com relação à principal variável, representada nas tabelas 3 e 4, pode-se observar que as maiores taxas de desemprego situam-se nos níveis salariais mais baixos, ficando 86,63% dos desempregados, no ano de 1991, na faixa de 0 a 2 salários. E, em agosto de 92, este percentual foi de 87,13%. Deste resultado não se pode inferir que classe foi mais atingida pelo desemprego, embora as maiores taxas estejam nas faixas menores de salários, porque estas taxas são dadas em termos agregados. Essa taxa pode ser consequência do fato de que é maior o contingente de pessoas que se encontravam nessas faixas de renda e, portanto, seria justificável que a maior parte dos desempregados estivesse nessas faixas. Por outro lado, a parcela que concentra os maiores salários é pequena, podendo daí explicar-se as baixas taxas de desemprego aberto para a faixa de salário mais alta. Diante dessa constatação torna-se imprudente a comparação das taxas para faixas de salários diferentes, num dado momento. Contudo pode-se verificar o comportamento do desemprego durante o período jan-ago dentro de uma mesma faixa salarial. Feito isto, obteve-se o seguinte resultado: nas faixas salariais mais baixas houve um crescimento, com exceção da faixa de 1/2-1 salários mínimos. A faixa de 0-1/2 elevou-se 118%, enquanto que na faixa de 1-2 foi de 11% o crescimento. No entanto, na faixa salarial acima de 5 salários houve uma diminuição de 50% na taxa de desemprego, no período considerado. Com este resultado pode-se inferir indiretamente que, pelo menos a curto prazo, o proletariado é mais atingido pelo desemprego.

TABELA 5: DESEMPREGO(1) SEGUNDO O SUBSETOR DE ATIVIDADE DO
TRABALHO ANTERIOR. (DEZEMBRO/91)

=====		
SUBSETOR DE ATIVIDADE	TAXA	ABSOLUTO
=====		
Ind.de transformação	14,10	16.389
Construção Civil	19,55	8.290
Comércio	8,00	15.231
Serviços	6,01	20.823

=====

Fonte: Pesquisa Direta - Unidade de Informação, SINE/CE

NOTA 1: O total de desempregados corresponde apenas aqueles com
experiência de trabalho anterior.

TABELA 6: TAXA DE DESEMPREGO ABERTO, POR SUBSETOR DE ATIVIDADE
(PRIMEIRO SEMESTRE DE 1992)

=====									
SUBSETOR DE									
ATIVIDADE	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
=====									
IND.TRANSF.	14,29	14,66	14,81	17,15	21,25	21,06	18,69	15,33	
CONST.CIVIL	18,42	18,51	18,90	21,95	23,04	21,81	21,83	2,11	
COMÉRCIO	8,26	9,08	8,74	8,96	10,98	12,56	12,56	10,83	
SERVIÇOS	7,03	7,33	8,06	8,39	9,12	9,93	9,60	8,98	

=====

Fonte de Pesquisa: Unid. de Informação, SINE/CE

Quanto às tabelas 5 e 6, as taxas mais altas de
desemprego estão associadas à construção civil e à indústria de
transformação, subsectores característicos de proletários, tanto
para o ano de 91 quanto para o primeiro semestre de 92.

CAPÍTULO 4: CONCLUSÕES

Entre as conclusões mais importantes sobre os efeitos da conjuntura recessiva sobre o "proletariado" e a "classe média", destaca-se o tipo de resposta ao fenômeno do desemprego.

Entre os trabalhadores "proletários", o aumento do contingente, na condição de desempregados, aparece como resultado imediato da conjuntura desfavorável. Um corte pelo nível de remuneração revela que o maior contingente é aquele de trabalhadores desempregados com remuneração anterior de até 2 salários mínimos, indicando uma tendência de maior intensidade do desemprego entre os proletários.

No período considerado, a continuidade nas elevadas taxas de desemprego têm provocado transferências de contingente da PEA para a PNEA. Essa transferência significa que mesmo a ocupação informal se torna insuficiente para absorver a força de trabalho excedente, provocando em alguns casos uma "destruição" de parte da PEA. Por outro lado, a transferência da PNEA pode não ser a única alternativa, o crescimento do chamado submundo do mercado de trabalho, tão bem representado pelos trabalhadores do Aterro Sanitário do Jangurussu, destaca uma tendência mais estrutural para absorver o excedente de trabalhadores "proletários". Deve ser esclarecido que o conceito de desalento, presta-se mais a explicar as variações conjunturais entre a PEA e PNEA, não devendo de forma alguma servir de explicação para o crescimento do submundo do mercado de trabalho, ao qual corresponde também uma espécie de sub-proletariado. De modo geral, as estratégias disponíveis para o proletariado mostram-se

limitadas.

Para a chamada classe média há duas linhas de análise possíveis. A primeira, resultado da observação das taxas conjunturais de desemprego mostra que a variável de corte "remuneração anterior" indica uma intensidade reduzida de desemprego para a classe média. Por outro lado, considerando que as ocupações de classe média tendem a se concentrar nos subsetores de serviços pouco se pode afirmar diante dos dados agregados. Numa análise mais qualitativa observa-se que, a partir de fontes secundárias baseadas em depoimentos, a duração do período recessivo possui uma influência forte sobre a intensidade do desemprego da classe média. De tal sorte que o prolongamento da recessão tende a reduzir a relativa "imunidade" dos colarinhos brancos.

Num paralelo com a dinâmica tradicional dos setores da economia capitalista, como o nível de emprego na indústria de transformação é mais sensível às oscilações no ciclo de negócios relativamente ao setor de serviços, é razoável supor um maior impacto sobre o "proletariado". Em mais de um sentido boa parte da discussão sobre a classe média depende do contexto da acumulação capitalista. Em contextos de crescimento prolongado, como no pós-guerra, ganham força idéias que postula, o surgimento de uma classe intermediária, uma classe média, entre o operariado e a burguesia. em contextos de crise, como o iniciado em meados de 70, a tendência crescente do desemprego e a redução geral do nível de atividades parecem fortalecer a idéia de que os "colarinho branco" estão mais próximos do proletariado do que imaginam, formando um segmento de classe dos assalariados em

geral. Em geral, contudo, as observações demonstram que mesmo na hipótese de prolongamento da recessão que passa a afetar as ocupações de "classe média", as alternativas de estratégias individuais são maiores para esta do que para os "proletários". O estudo dos fatores específicos que determinam essa vantagem, requereriam um estudo à parte, o que foge aos propósitos limitados da presente monografia.

NOTAS:

Nota 1: O proletariado, como designado por Marx, que caracteriza a força de trabalho ligada diretamente à produção de mercadorias no período da Revolução Industrial.

Nota 2: O conceito de classe social, é em si bastante controvertido. Para os propósitos aqui perseguidos será assumido como ponto de partida a classe derivada da posição do processo de produção (assalariado X capitalistas). Como essa derivação é insuficiente, assume-se uma ampliação do conceito, a partir da percepção subjetiva que os grupos têm de si, para estabelecer diferenças interiores à classe que vão além da mera homogeneização de uma classe como um todo. Espera-se esclarecer essa questão no capítulo 1.

Nota 3: Passividade e alheamento são sentimentos que retratam o estado de indiferença e desalento do trabalhador, após tentativas frustradas de adquirir uma ocupação ou emprego, passando então a não mais pressionar o mercado de trabalho, integrando-se então a PNEA.

R

- NEGRO

CITY OF ALBANY

- WCM270

- Subemprego, problema estrutural. Petrópolis, Vozes, sd.
- Política de emprego para o Nordeste. Por Jorge Jatobá, João Rogério Sanson e outros. Recife, Massangana, 2985.
- Marshall, T.H. Cidadania, classe social e status. R.J., Zahar, 1967.
- Fauto, Boris. Tratado urbano e conflito social. São Paulo, DIFEC, 1976.
- Pereira, Luiz. Estudos sobre o Brasil contemporâneo.
- Indicadores conjunturais do mercado de trabalho. UNID. INFORMAÇÃO. SINE/CE.